

Até Aqui

Este projeto, chamado Até Aqui, é dividido em quatro etapas. As duas primeiras são em princípio desconhecidas pelo público que hoje visita a exposição e, as outras duas, ainda não fiz. Primeiro eu coletei terra e rochas de Minas; segundo, usei essa terra como pigmento e preparei tintas; terceiro, pintarei as paredes da galeria até onde meu corpo alcançar; quarto, durante a última semana de exposição, repintarei as paredes com seu branco original com tinta de parede branca.

1_ A partir de curtas viagens a cidades em torno de Belo Horizonte, coletei terras e rochas das quais extrai pigmentos para a feitura de tintas. Coletei terra da poeira do chão e da beira de estradas, seixos de rio e rochas dos barrancos e das encostas: de Caeté, Santa Bárbara (comunidade André do Mato Dentro), Nova Lima, Rio Acima, Brumadinho, Serra do Rola Moça, Serra da Moeda, Serra do Gandarela, no extinto Córrego do Feijão, no ameaçado Rio São João.

2_ Moí, soquei e peneirei as coletas, misturei-as com resina acrílica e fiz testes (não fiz misturas das tintas entre si para manter a qualidade das cores, a serem vertidas a posteriori em pinceladas). Esses testes estão colados dentro de um diário de bordo, acrescidos de registros fotográficos das viagens. O diário de bordo, escaneado em PDF, pode ser visualizado e baixado da internet.

3_ Munido das tintas preparadas e pincéis, por sete dias no interior da Galeria 2 do Memorial da Vale, pintarei todas as paredes disponíveis, cobrindo por completo a superfície a que meu corpo sobre o chão seja acessível. Como regra não me utilizarei de hastes para os pincéis, nem bancos ou escadas que estendam meu alcance às paredes. O limite da pintura corresponde à estatura de meu corpo no espaço dado, mediado por tinta e pincel. Defino, aqui, a pintura como o registro de uma performance que investiga a escala humana. O procedimento da performance deve ser determinado pelas quatro posturas adotadas por meu corpo durante o trabalho no espaço da galeria, condicionando as faixas de pinceladas em:

a) agachado para pintar o rodapé até a altura de minha cabeça quando estou agachado; b) com a coluna ereta e em pé, da altura do meu braço até a altura da

cabeça (eu meço 172cm); c) aproximadamente da altura do topo da minha cabeça até a altura da minha mão quando meu braço está completamente erguido (por volta de 214cm); d) do último registro até a altura máxima que atinge meu corpo, na ponta dos pés, segurando um pincel de dimensões comuns.

O que pode um corpo humano? Até hoje, ninguém soube responder. A pintura site-específica por mim elaborada, até aqui, pretende, por meio de dimensões humanas (as minhas próprias, no caso), produzir algo que seja sentido como que produzido por uma escala maior que a humana. Menor que das máquinas, das linhas de ferro, das montanhas e rios que deixam de existir de um dia para o outro, é verdade, mas maior que um homem, como eu, que mede 172 centímetros com os pés no solo.

4 _ Durante a última semana de exposição, irei apagar todo o trabalho dentro da Galeria 2. Irei pintar de branco, com rolos e tinta vendida no varejo, as paredes antes por mim pintadas com a cor da terra e finalizar a exposição, deixando a galeria com o mesmo aspecto no qual a encontrei. Durante a pintura do cubo branco, disponibilizo-me a conversar e a discutir com o público presente sobre o projeto Até Aqui: suas etapas, suas descobertas, suas conexões com outras pesquisas, seus limites e contradições ou a pura contemplação da paleta de nossa terra. Convido também o público a participar da desmontagem da instalação. Meu trabalho merece críticas e eu estarei pronto para recebê-las, trabalhando.

Ariel, Belo Horizonte, 10 de julho de 2019.

English version:



Diário de bordo:

